

País precisa avançar no campo social e fiscal, afirma Arida

O ex-presidente do Banco Central (BC) Pécio Arida, integrante da equipe de transição de governo Lula e um dos pais do Plano Real, defendeu ontem a necessidade de o Brasil avançar no âmbito fiscal e no social. Segundo ele, essas questões caminham juntas e não separadas, e não são opostas.

– Do ponto de vista substantivo, sabemos que responsabilidade fiscal e responsabilidade social vão juntas, elas não são separadas ou opostas – afirmou, em evento do Grupo de Líderes Empresariais (Lide), em Nova York, segundo o jornal O Estado de S.Paulo. – É necessário avançar nos dois fronts, não vejo nenhuma oposição entre um e outro, pelo contrário: se avançar num front e não avançar no outro, mais cedo ou mais tarde vai ser incapaz de fazer qualquer avanço – acrescentou.

Arida entrou no tema após questionamentos quanto à reação do mercado financeiro na semana passada, quando o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), criticou “a tal da estabilidade fiscal” e defendeu a ampliação de gastos públicos para combater a miséria. Ao falar a uma plateia de empresários, políticos, ministros e banqueiros, Arida pediu desculpas por não poder trazer tantos detalhes dos planos do futuro governo, uma vez que integra a equipe de transição.

Segundo o economista, há inúmeros casos na América Latina, e mesmo no mundo desenvolvido, em que políticas sociais feitas sem responsabilidade fiscal geraram crise macroeconômica, que acabou inviabilizando as realizações sociais. Além disso, a adoção de uma política social sem fiscal “tira a base de sustentação das políticas macroeconômicas”, ponderou.

Reformas

Ele disse ainda que o governo poderia avançar rumo à criação de uma “Lei de Responsabilidade Social” que unificasse os programas assistencialistas e criasse metas para o setor, mas não deveria vincular receitas a esses gastos:

– Seria uma lei que teria metas, com um plano a longo prazo, e sistematizando indicadores; uma lei que seria *pari passu* com as nossas leis de responsabilidade fiscal.

Arida afirmou também que o avanço de reformas no Brasil é vi-



Integrante do grupo de transição disse que questões caminham juntas e não separadas

tal para o país crescer mais. Ele defendeu três “reformas essenciais” no Brasil: a abertura da economia e as reformas do Estado e tributária.

– Nosso principal desafio econômico hoje é crescermos de forma inclusiva e sustentável. O Brasil tem decepcionado em matéria de crescimento, inclusão e preservação do meio ambiente – disse.

Quanto à reforma do Estado, chamou atenção para a necessidade de uma reforma administrativa e também em termos de gastos.

– Precisamos mudar a forma como o Estado é gerido. Temos um Estado que não se comunica bem com cidadãos, não presta satisfação e é percebido publicamente ineficiente. Gasta muito e mal – disse. – A reforma do Estado é vital – acrescentou.

Ao falar da reforma tributária, ele defendeu o Imposto sobre Valor Agregado (IVA), modelo de unificação de impostos e “tributação mais justa”. Para Arida, “é factível que reforma do IVA seja atingida em seis a oito meses”. Para ele, as três reformas dependem de uma mudança cultural no Brasil:

– Fato fundamental nessas reformas é esforço de persuasão política.

No curto prazo, o Brasil também tem de atender à massa de população marginalizada, sem inclusão no mercado de trabalho e passando fome, acrescentou. Ele defendeu também a importância de eliminar os subsídios do crédito no Brasil. A medida contribuiria para o crescimento da economia brasileira bem como dos empréstimos, segundo o especialista.

Arida defende gasto social e emergencial

Pérsio Arida, integrante da equipe de transição do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, explicitou ideias ontem na conferência do Lide em Nova York. Arida afirmou que o principal desafio do Brasil é crescer “de forma inclusiva e sustentável”. E detalhou:

– A inclusão social depende, no longo prazo, de educação. Quando se fala em desigualdade social, frequentemente se olha a de resultados, que depende de esforço, talento. Mas o importante é que a desigualdade no acesso a oportunidades termine. No curto prazo, temos de atender a essa população marginalizada, sem inserção no mercado de trabalho, passando fome. E temos de crescer com programas sociais, emergenciais, por período razoável.

A manifestação de Arida é importante porque, dos quatro integrantes conhecidos do grupo temático de Economia – os demais são André Lara Resende, Guilherme Mello e Nelson Barbosa –, ele é o mais “fiscalista”. Entre aspas, porque é fácil perceber que é um fiscalismo abrandado pela preocupação social.

– O Brasil tem decepcionado em crescimento, em inclusão e em preservação do meio ambiente. É perfeitamente possível reverter esse quadro – assegurou, assumindo um discurso tranquilizador de autoridade econômica.

Mesmo ressaltando que o Brasil vai enfrentar “cenário externo adverso causado pela recessão norte-americana que se avizinha e pelo aumento da taxa de juro nos Estados Unidos”, que impacta toda a atividade econômica mundial, mais dificuldades da China, Arida deu sua receita de solução, que passa por três reformas: a abertura e integração com o mundo, a reforma do Estado e a tributária.

Das três, a menos mapeada é a de Estado, na descrição de Arida bem diferente da administrativa freada pelo governo Bolsonaro.

– O Brasil tem camadas de gastos que perderam o sentido ou estão mal focalizados e podem ser reduzidos sem prejudicar o serviço. Precisamos de uma revisão de gastos independente, para verificar se fazem sentido, inclusive os tributários. Se deixaram de fazer sentido, devem ser eliminados.



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Política e Economia **Página:** 8 e 11